

O USO DA NARRATIVA E DA MEMÓRIA NO ESTUDO HISTÓRICO- ANTROPOLÓGICO DAS IDENTIDADES ÉTNICAS: O CASO DA COMUNIDADE JUDAICA DE PERNAMBUCO¹

Isabela Andrade de Lima Moraes*

Introdução

O presente artigo procura abordar o processo de redimensionamento da identidade étnica dos judeus em Pernambuco, tomando como base o grupo de imigrantes judeus do Leste Europeu que migraram para Pernambuco no final do século XIX e início do século XX.

Nesse período, o Brasil havia instituído uma política de imigração que objetivava povoar e colonizar os vazios demográficos, substituir a mão-de-obra escrava e negra e "branquear" a sociedade. De 1881 a 1930, o número de imigrantes para o Brasil foi de 3.936.411, desses, 41.185 eram judeus. O número de imigrantes judeus para o Brasil

cresceu com o final da Primeira Guerra Mundial, quando os Estados Unidos, Argentina e Canadá fecharam seus portos aos estrangeiros. Entre 1920 e 1930, cerca de 30.000 judeus imigraram para o Brasil que se tornou o terceiro país receptor da América, depois dos Estados Unidos e da Argentina. De 1924 a 1934, houve um aumento de quase dez vezes dos grupos provenientes do Leste Europeu com a entrada de mais de 93.000 pessoas no Brasil, desses, 45 a 50% eram judeus (LESSER, 1995).

Esses grupos estabeleceram-se nas regiões portuárias. São Paulo, Rio Grande do

* Mestre e Doutoranda em Antropologia pelo PPGA/UFPE e Professora da Uneal/Campus III.

Sul, Rio de Janeiro e Pernambuco, foram os principais Estados que receberam a imigração judaica. Durante as décadas de 1928 a 1930, o Rio de Janeiro recebeu oficialmente 7.840 judeus, São Paulo, 4.883 e Pernambuco, 234 (LESSER, 1995).

Ao chegarem em Pernambuco, os imigrantes judeus encontraram um ambiente propício ao exercício de sua judeidade devido à existência de uma atmosfera judaica cristalizada no Nordeste brasileiro (KAUFMAN, 2000, p. 35). Pode-se afirmar que no final da década de 1920 já existia uma vida judaica relativamente institucionalizada no Brasil. Em Pernambuco, a comunidade encontrava-se estabelecida através de toda uma organização social e econômica. Mas, a dinâmica que acompanha todo o processo migratório faz com que o imigrante fique permeável a receber novos hábitos e costumes da sociedade de acolhimento. Portanto, quando chegaram em Pernambuco os judeus absorveram novos elementos da sociedade receptora provocando uma alteração no *continuum* de sua identidade étnica.

Neste trabalho, pretendo identificar a natureza dos fatores que influenciaram o redimensionamento da identidade desse grupo, um processo que envolveu concomitantemente a interação social dos imigrantes na sociedade e a manutenção da identidade étnica judaica.

Para discutir tal problemática foi realizada, em 2004, uma pesquisa, orientada pela professora Tânia Kaufman, para o Mestrado em Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Esta pesquisa tomou como base o diálogo entre a Antropologia e a História apoiando-se nos estudos sobre imigração, etnicidade, narrativa e memória.

Como a pesquisa tinha uma pretensão interdisciplinar, o trabalho de campo foi realizado nos acervos do Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano (Apeje), no anexo da Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (Dops/PE) e no Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco (AHJPE).

A Delegacia de Ordem Política e Social (Dops), criada em 23 de dezembro de 1935

pela Lei nº 71, foi extinta em 13 de março de 1991. Através do Decreto nº 14.887 de 12 de março de 1991, o acervo de arquivos secretos da Dops/PE foi transferido para o Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano – Apeje/PE. Atualmente o acervo possui em sua totalidade 134 metros lineares de documentos, onde constam 23.500 prontuários individuais e 27.500 prontuários funcionais – pastas de sindicâncias realizadas pelos investigadores desta Delegacia a diversas entidades.

Para esta pesquisa foi utilizado apenas o acervo de prontuários funcionais. A seleção desses prontuários obedeceu aos critérios de período – 1930 a 1945 – e de temática. Das instituições judaicas foram utilizados o Centro Cultural Israelita de Pernambuco, Banco Popular Israelita de Pernambuco, Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, Sinagoga Abraão Schepack, Organização Sionista Unificada do Brasil, Invasão Judaica, Templo Israelita Hebreu Brasileiro e Campanha Contra os Judeus. Outros prontuários como Polônia, Palestina, Conselho de Imigração e Colonização, Integralismo e Nazismo, Telegramas e Ofícios expedidos, também foram úteis para compreensão do assunto pesquisado.

O Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco, que atualmente funciona no prédio da Sinagoga *Kahal Zur Israel*, foi fundado em 1992 com o objetivo de desenvolver pesquisas inerentes ao resgate da história da presença judaica no século XX. Seu acervo consta de uma série de entrevistas realizadas com imigrantes que formaram a atual comunidade e com membros da geração de judeus nascidos em Pernambuco, além de documentos iconográficos e escritos.

No acervo do AHJPE, foram analisados os documentos escritos, orais e iconográficos, cuja seleção obedeceu ao critério do tema e período. Das entrevistas, já gravadas e transcritas por pesquisadores que fazem parte do Arquivo, foram selecionadas quinze, nove delas, com imigrantes judeus e seis, com a primeira geração de judeus nascida no Brasil.

Analisar os documentos presentes nestes acervos possibilitou entender o universo

O uso da narrativa e da memória no estudo histórico-antropológico das identidades étnicas: o caso da comunidade judaica de Pernambuco

Isabela A. de Lima Morais

de uma cultura tão “diferente” para o pesquisador. Mas para entender esse universo judaico foi importante também estabelecer alguns contatos com pessoas ligadas a atual comunidade judaica do Recife e realizar observações participantes em eventos patrocinados pelo Centro Israelita de Pernambuco.

Desvendar a teia de significados (GEERTZ, 1989) presentes numa cultura distante no tempo e no espaço significa tentar reconstruir um passado com a ajuda de dados emprestados do presente, pois o presente sempre está inserido nas reconstruções do passado. O tempo e o espaço ao qual esta pesquisa se reporta é um tempo cheio de significados que para ser reconstruído fez-se necessário utilizar a memória como um recurso metodológico, visto que as entrevistas realizadas com os imigrantes e com os filhos de imigrantes baseiam-se na memória individual de cada entrevistado. Cada depoimento, cada memória individual se cruzou para formar uma memória coletiva.

Narrar histórias, sobretudo, histórias de vida, requer uma constante evocação da memória coletiva ou individual, na medida em que a memória individual está ligada à memória coletiva, pois tudo o que lembramos está intimamente relacionado com a lembrança do grupo com o qual nos relacionamos. A ligação com um grupo de referência é essencial para que as lembranças permaneçam em nossa memória e para que elas adquiram algum significado (HALBWACHS, 1990).

É nesse pressuposto que Wachtell (2001) acredita; que as temáticas relacionadas ao estudo da memória, das narrativas e das identidades enriquecem o diálogo entre a antropologia e a história. Analisar as narrativas e as memórias dos imigrantes judeus permitiu revelar o redimensionamento da identidade deste imigrante, uma identidade estruturada por elementos que dialogam com a tradição e a mudança.

Narrativas sobre a chegada dos judeus em Pernambuco

Os primeiros judeus que chegaram em Pernambuco, no final do século XIX e início

do século XX, eram predominantemente de origem *ashkenazim*, vindos da Europa Oriental, das regiões como Bessarábia, Lituânia, Ucrânia, Polônia e Rússia. As condições de vida que estavam submetidos na Europa forçavam-os a encontrar na imigração uma forma de sobrevivência. M.L. lembra que na Polônia havia discriminação e perseguição dos não judeus: “*apedrejavam, jogavam pedras, quando sabia que era judia [a família]*”. Das lembranças sobre a infância relata que: “*não tem lembranças muito boa não*”.

A insegurança era visível na Europa através dos *pogroms* e dos recrutamentos forçados dos judeus ao serviço militar, sobretudo na Rússia, que, em 1815, quando anexou a Lituânia e a Polônia (até então o principal centro mundial do judaísmo no mundo) iniciou uma política para controlar a incorporação das populações judaicas, culminando com o surgimento das “áreas de estabelecimento” que incluía as restrições aos direitos civis e a implantação de um sistema militar a partir do recrutamento forçado: a *rekrutchina* (KAUFMAN, 2000, p. 43).

Fugindo ou sendo expulsos de seus países de origem, o Brasil transformou-se numa “terra prometida” para esses imigrantes. A escolha do Brasil dava-se por duas razões: por existir um parente ou amigo próximo já estabelecido no país e pelas políticas de valorização à imigração.

A chegada dos judeus em Pernambuco foi motivada por existir um parente ou amigo que eventualmente iria oferecer ajuda ao recém-chegado. Primeiro vinham os homens, que após algum tempo estabelecidos mandavam buscar da Europa suas famílias. C.S., imigrante nascida em Sukurene, conta que, em 1909, seus irmãos L.C de 18 anos e J.C de 16 anos chegaram ao Brasil porque não queriam servir ao exército russo. Cinco anos depois, em 1914, veio seu pai:

Mamãe ficou e papai deixou a gente com mamãe. Eu tinha cinco anos. Então ele veio para o Brasil para alugar uma casa, estabelecer, botar tudo direitinho para buscar a gente. Mas, justamente, logo que ele saiu, quando ele só passou a

O uso da narrativa e da memória no estudo histórico-antropológico das identidades étnicas: o caso da comunidade judaica de Pernambuco

Isabela A. de Lima Moraes

fronteira, estourou a Guerra. Aí ele não podia, nem mandar dinheiro, nem telegramas, nem nada. Isso foi até 1919. De 1914 até 1919. Nós tínhamos duas casas bem grande e tinha um tio que era muito rico e ajudou a gente. Tinha mercadoria, que papai tinha sócio para essas mercadorias e vendiam e ajudavam a gente com o dinheiro que ganhavam. Mas, em época de guerra, passamos mal. Mas, depois mamãe vendeu a loja. Parou a Guerra. E o primeiro navio que sabíamos que ia sair da Itália nós fomos. [primeiro] para Bucareste, depois para Constantinopla, depois para a Itália. De trem, de navio, de todos os jeitos que tinha para chegar ao Brasil. Viajamos bem uns dois meses e meio. Os navios não tinham ainda tudo o que se precisava por causa da guerra. E assim demorava mais ainda. E mais uma coisa, nós não chegamos direto para o Recife [...]. Navios estrangeiros não podiam entrar aqui no Porto do Recife. Nós viemos num navio italiano. O porto não tinha profundidade para os navios. Então fomos para o Rio de Janeiro. E papai mandou dinheiro por um amigo dele. E, ele exigiu que a gente se vestisse do melhor conforme no Brasil se usa. Descansamos 15 dias lá e depois viemos em um navio nacional para o Recife. (Entrevista realizada em 01/10/1990 – AHJPE)

Os imigrantes judeus já estabelecidos em Pernambuco davam acolhida aos recém-chegados da Europa oferecendo-lhes moradia, alimentação, etc. R.B., imigrante da Bessarábia, ao narrar sua história de vida, lembra que seu pai chegou ao Brasil em 1911, para trabalhar com um irmão em São Paulo, logo depois chegou ao Recife para trabalhar com um amigo. Depois de estabelecido, dedicou-se a ajudar os imigrantes:

A casa de meu pai, lá na Rua Leão Coroado tinha um sótão, enorme. E toda família que chegava, eles recebiam as famílias, botava lá no sótão, dava comida a eles e ajudava para eles se estabelecerem. Quando eles viam que eles já estavam ganhando, aí eles: “você tem que sair porque tem uma outra pessoa”. E durante muito tempo meu pai

ajudou a muitos emigrantes [...] ajudava porque eles chegavam com uma mão na frente e outra atrás, sem dinheiro, sem nada. (Entrevista realizada em 21/03/1995 – AHJPE)

De acordo com Lesser (1995, pp. 67-68), os imigrantes judeus raramente tinham capital para comprar uma loja ou fábrica no momento de sua chegada, mas eles eram freqüentemente auxiliados por um *laispar kasses*, que eram empresas de crédito fornecedoras de recursos iniciais para comprar mercadorias ou abrir uma pequena loja ou fábrica. Os judeus, donos de lojas e fábricas, vendiam no varejo mercadorias e utensílios domésticos a crédito para os recém-chegados.

A maioria iniciou suas atividades como *klientelshik* (mascate em *ídishe* falado no Brasil), pois era uma ocupação que não exigia investimento de um grande capital inicial. Um mascate experiente ajudava o recém-chegado a ganhar dinheiro ao mesmo tempo em que ensinava-lhe frases em português e o discurso de vendedor.

Com o decorrer dos anos, os judeus de Pernambuco passaram de uma “economia errante” (os *klientelshik*) para as casas comerciais na Rua da Imperatriz, Rua da Matriz, Rua do Hospício, Rua do Aragão, Praça Maciel Pinheiro e Cais José Mariano. O bairro da Boa Vista tornou-se área de residência, de instalações comunitárias e de casas comerciais (KAUFMAN, 2000, p. 147).

Entretanto, toda a dinâmica que acompanha o processo de imigração traz para o grupo alguns elementos de ruptura, visualizada a partir da absorção de novos elementos da sociedade receptora.

Internalizando novos hábitos e costumes: O “abrasileiramento” do imigrante judeu

Um dos primeiros elementos que marca a desestruturação do grupo é o aprendizado da língua. M.L., imigrante polonês, que chegou em Pernambuco no ano de 1930 com 18 anos, lembra-se da dificuldade que tinha em aprender a língua:

O uso da narrativa e da memória no estudo histórico-antropológico das identidades étnicas: o caso da comunidade judaica de Pernambuco

Isabela A. de Lima Moraes

Othe, não queira saber como é difícil quando a gente não sabe a língua: eu via menino pequeno falar, fiquei com inveja, veja, esse menino tão pequeno já sabe falar português e eu não falo. [...] No princípio tudo é sempre difícil, a língua é que era difícil, mas depois, devagarinho, a gente começa a se acostumar, como aprender, começa a ter relacionamento e começa a melhorar as coisas [...] Primeiro tivemos um professor, mas passou uns dois meses somente, mas sabe, o professor melhor é o tempo, a prática é o melhor professor que existe e a convivência com eles, a gente começa a aprender. (Entrevista realizada em 03/01/1996 – AHJPE)

Superada a primeira barreira, a dificuldade da língua, os imigrantes iniciaram sua integração na sociedade receptora absorvendo elementos para que não se sentissem mais como estrangeiros.

A inserção econômica do imigrante judeu na sociedade pernambucana através do *klientelshik* foi um dos fatores que contribuíram para a absorção de novos elementos. Segundo Kaufman (2000, pp. 144-145), a própria dinâmica da natureza do trabalho do comércio ambulante foi distanciando-os das práticas judaicas, dando início a um processo de internalização de novos hábitos e costumes.

Esse processo resultou em um “abrasileiramento” do imigrante judeu, manifestado através da criação de entidades esportivas como o Clube de Futebol Israelita criado em torno de 1930, ou festejando datas tipicamente brasileiras como o carnaval. M.L. lembra com saudosismo o carnaval organizado pela comunidade judaica que era realizado no Centro Cultural Israelita de Pernambuco:

Aquele tempo gostoso. Tinha aquele Centro na Rua da Glória, oh! Que coisa boa! A gente fazia aqueles bailes dia de sábado, a comida toda feita em casa pelas mulheres. Eu conheci ela [referindo-se à sua esposa] na Rua da Glória, no Carnaval. Foi tão gostoso naquele tempo. [...] Eu me lembro exatamente quando nós chegamos aqui, tinha festa, tinha carnaval. Que para mim era uma novidade, todo mundo dançando. Na rua

também, lindo antigamente, com carros, confete, serpentinas, aquelas fantasias lindas. Era lindo, muito bonito. (Entrevista realizada em 03/01/1996 – AHJPE)

Essa absorção de novos elementos da sociedade de acolhimento provocou uma alteração no *continuum* da identidade judaica. Isso foi possível pela influência de dois fatores: primeiro, devido à própria dinâmica que acompanhou o processo migratório, fazendo com que o imigrante recebesse novos hábitos e costumes para se adaptar ao meio no qual estava sendo inserido; segundo, pelo ambiente encontrado na sociedade brasileira.

Na Europa Oriental e no Leste Europeu, os judeus viviam nos *shtetel* que eram verdadeiros guetos, com poucas relações com os *goim* (não-judeus) e não participavam de atividades que não fosse judaica. No Brasil, em Pernambuco, o relacionamento com os não-judeus facilitou uma integração positiva dos imigrantes como recorda I.A.:

A relação sempre foi de amizade, pelo menos comigo eu nunca senti da parte de outras pessoas da comunidade nenhum constrangimento em relação a mim, minha pessoa e fora da comunidade a mesma coisa. (Entrevista realizada em 11/04/1996 – AHJPE)

A existência de uma atmosfera judaica em Pernambuco, não encontrada na Europa, facilitou a internalização de novos elementos na identidade do imigrante judeu. Mas, mesmo que absorvendo elementos da sociedade de acolhimento, os imigrantes judeus desenvolveram maneiras bem distinta de manterem sua identidade étnica. Uma das maneiras encontradas para exprimir essa relação de continuidade com um passado foi manifestada através da criação de associações, imprensa, escolas, sinagogas, sociedades de assistência mútua e entidades sociais, culturais e esportivas.

Os espaços étnicos e o novo dimensionamento da identidade judaica

Os judeus ao longo de toda história construíram uma rede de instituições para garantir a sobrevivência física, cultural e religiosa. (BLAY, 1997, p. 36).

Em Pernambuco, instituições como o Centro Cultural Israelita de Pernambuco, a Cooperativa do Banco Popular Israelita de Pernambuco, as Sinagogas, o Colégio *Ídish Schul*, etc., foram espaços criados com a finalidade de manter uma espécie de vínculo étnico, cuja ação simbólica remete ao pertencimento a uma origem comum e continuidade com um passado.

Os rituais religiosos da comunidade eram realizados nas Sinagogas. O *Shill Scholem Fainbaum* ou *Shill Scholem Oknitzer* iniciou suas atividades em torno de 1906 e estava situado na Rua Martins Júnior nº. 29 no bairro da Boa Vista. Esta sinagoga funcionou até meados de 1926 quando deu origem à Sinagoga Israelita da Boa Vista, atualmente conhecida como Sinagoga Israelita do Recife. Existiam ainda a Sinagoga dos Sefaradim na Rua da Matriz nº 84, no bairro da Boa Vista, que funcionou de 1930 a 1940 e a *Shill Chaim Leib* mais conhecida como Sinagoga dos Kelner, situada na Rua Leão Coroado, cujas atividades foi entre 1940 e 1965.

A vida religiosa era realizada e comemorada também nas residências, através do *Seder de Pessach* e do *Shabat*, e no comércio, com o fechamento das lojas durante as comemorações do *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*, quando “*tudo que era casa de judeu, israelita, não ficava uma só aberta*”. (Declaração de I.P. Entrevista realizada em 11/01/1996 – AHJPE)

Havia também instituições que promoviam encontros comunitários como o Círculo Israelita de Pernambuco, o Centro Israelita de Pernambuco e o Centro Cultural Israelita de Pernambuco.

O Círculo Israelita de Pernambuco funcionou na Rua Dom Bosco nº 687, no bairro da Boa Vista, de 26 de agosto de 1937 até 1948. Entre suas finalidades destacava-se: “*promover festas, cultos religiosos, conferências e diversões para seus associados*” (Prontuário nº 447 – Apeje – Dops/PE).

Já o Centro Israelita de Pernambuco, fundado em 10 de junho de 1918, era uma sociedade beneficente que funcionava na Rua da Glória nº 215, com a finalidade de:

Construir cemitério para oferecer jazigos perpétuos aos seus associados, ao morrer, custeando todas as despesas com o sepultamento, bem como auxiliar as famílias dos sócios falecidos, quando pobres. (Prontuário nº 413 – Apeje – Dops/PE)

Para se tornarem sócios, as pessoas teriam que professar a religião judaica, sem distinção de sexo ou nacionalidade e contribuir com o pagamento de uma quantia mensalmente.

Na Rua da Imperatriz nº 246-2, funcionou o Centro Cultural Israelita de Pernambuco, cuja finalidade era:

Proporcionar aos sócios os meios de conhecer a literatura israelita, brasileira e outras, por meio de biblioteca, jomais, noites literárias, etc.; comemorar datas nacionais, israelitas e brasileiras; proporcionar diversos divertimentos aos sócios, como bailes, recreios, e pequenos esportes, como ping-pong, xadrez e outros. (Prontuário nº 413 – Apeje – Dops/PE)

Em seguida o Centro Cultural Israelita de Pernambuco passou a exercer suas atividades no mesmo local do Centro Israelita de Pernambuco, ou seja, também na Rua da Glória e funcionava diariamente entre 14h e 17h horas para realização de ginástica ou jogos esportivos, e à noite das 18h30 às 23h, com exceção dos dias em que eram realizados bailes ou recreios dançantes, em que o horário era prolongado. Todas as segundas-feiras das 20h30 às 22h existiam as sessões de diretoria e aos sábados um recreio dançante das 20:00 às 23:00 horas. Além dessas atividades havia também conferências e *pic-nics* para seus sócios. (Prontuário nº 413 – Apeje – Dops/PE)

No prédio da Rua da Glória, também funcionou a Sociedade dos Estudantes Israelitas de Pernambuco e o Colégio *Ídish Schul*, que iniciou suas atividades em torno de 1918.

Entidades de ajuda mútua também foram criadas. A Cooperativa do Banco Popular Israelita de Pernambuco, por exemplo, uma entidade criada em 1931, funcionou na praça Maciel Pinheiro, nº 48 – 1º andar, tendo como objetivo:

O uso da narrativa e da memória no estudo histórico-antropológico das identidades étnicas: o caso da comunidade judaica de Pernambuco

Isabela A. de Lima Moraes

Proporcionar crédito aos seus sócios, por meio de mutualidade e da economia, mediante juros razoáveis, auxiliando em particular o pequeno trabalho, seja de ordem agrícola ou profissional, seja de ordem industrial ou comercial. (Prontuário nº 27.687 – Apeje – Dops/PE)

I.A. relata que seu pai, um imigrante russo foi um dos fundadores do Banco:

Meu pai foi o da Cooperativa de Crédito, porque os judeus que vinham para aqui [...]. Ocorre que eles precisavam de algum dinheiro. Então resolveu-se criar-se um Banco. Banco era só o nome. Era mais uma Cooperativa. Banco Popular Israelita de Pernambuco. Em garoto eu trabalhei lá de auxiliar, de graça. Esse banco emprestava pequenos valores. Quando eu tinha 17 anos o empréstimo médio era de duzentos ou trezentos mil réis. Pagava-se por semana as prestações. O prestamista tomava o dinheiro, comprava mercadoria, ia vender à prestação e todo dia ia e vendia em pedacinhos. No fim da semana comparecia ao Banco e pagava a semana dele. Quando acabava ele levantava dinheiro de novo. Não tinha dono. Todos eram associados e tinham cotas e no fim do exercício todos recebiam partes iguais. Este é um mandamento bíblico. Nós somos obrigados a emprestar a quem necessita para não permitir que ele caia. (Entrevista realizada em 11/01/1996 – AHJPE)

Esta solidariedade praticada pela Cooperativa do Banco Popular Israelita de Pernambuco é um dos preceitos do judaísmo: a *tzedaká*, a prática da caridade com justiça. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1998), as práticas destas solidariedades não são aspectos inerentes à essência do grupo ou do indivíduo, mas recursos que são explorados com a finalidade de enfrentar um meio ambiente social hostil ou incerto. A diferença é que no caso do judaísmo este é um preceito sacralizado.

As instituições judaicas podem ser interpretadas como símbolos que conferem, para os judeus, a certeza de continuidade. A criação e importância dessas instituições são destacadas por J.G., um imigrante polo-

nês que chegou a Pernambuco em abril de 1922 quando estava apenas com três meses de idade:

Foi muito importante a contribuição dos antigos dirigentes das instituições judaicas, para fortalecer os laços da colônia procurando evitar a assimilação, trazendo conferencistas, etc., os dirigentes posteriores dentro do possível procuraram manter estes elos, apesar da onda de assimilação que se alastrou pelo Brasil e pelo mundo. (Entrevista realizada em 13/03/1995 – AHJPE).

O Colégio Israelita, por exemplo, é uma das instituições que ainda hoje atua como mecanismo de continuidade da identidade judaica. Para S.J.:

É preciso despertar na comunidade que embora o seu filho não está no colégio, mas é o colégio que organiza as festas em conjunto com outros, é o colégio que cumpre a tradição judaica, que venera e estimula você nesses eventos que você vem e inicia a freqüentar, então você tem que ser responsável pelo funcionamento destas organizações [...] agora o essencial, a mola mestra da comunidade continua sendo o Colégio Israelita. (Entrevista realizada em 20/03/2002 – AHJPE)

J.B. ao lembrar da educação no Colégio Israelita diz que:

Desde criança, no colégio hebraico, eles procuravam manter a lembrança do que era os costumes e tradições da vida judaica, relembrando todas aquelas festas do Purim, festa de Pessah, então eles mantinham sempre aquilo dentro do Colégio. Lembravam e treinavam o aluno inclusive para o Pessah e enfim, sempre tinha aquelas festas, tinha o Carnaval, eles mantinham por exemplo o Chanuká, aí eles faziam um teatro, eu olhava. A vida cultural judaica era espetacular naquela época eu me lembro. Sader Gusk, era fotógrafo, era violinista, era teatrólogo, era não sei o que mais, então tinha o teatro, que coisa linda o teatro, praticamente toda semana você tinha uma peça judaica aqui dentro, dos maiores artistas, inclusive aqueles que foram treinados, que se fizeram artistas aqui dentro, eu me lembro

perfeitamente destas festividades que eles faziam aqui dentro. (Entrevista realizada em 13/03/1995 – AHJPE)

Os “símbolos de pertença”: ritos de passagem e festividades cíclicas

Ao reivindicar uma identidade, os indivíduos freqüentemente buscam sua autenticação na história comum do grupo, reconstruindo um passado com objetivo de garantir a legitimação de suas fronteiras identitárias, mesmo que este passado esteja sendo incessantemente inventado. Segundo Woodward (2000, pp. 23-25):

Para lidar com a fragmentação do presente, algumas comunidades buscam retornar a um passado perdido [...] mesmo que o passado que as identidades atuais reconstróem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza.

Com os judeus de Pernambuco, a garantia de continuar pertencendo a um grupo étnico foi consolidada também através das práticas dos ritos de passagem (VAN GENNEP, 1977) e das comemorações das festividades cíclicas.

A *B'rit mila* é o ritual da circuncisão realizado no oitavo dia do nascimento do menino judeu, simbolizando a reafirmação do “Pacto da Aliança” entre Deus e Abraão. O ritual é completado com a cerimônia de “dar o nome” à criança. A prática de se dar a criança judia um nome judeu (geralmente hebraico), além e acima do nome secular, é ainda comumente observada, os judeus *ashkenazitas* geralmente dão à criança o nome de um parente falecido e os *sefaraditas*, o de um parente que esteja vivo.

O ritual do *Bat e Bar Mitzva*, assinalam a maioridade religiosa do jovem judeu. *Bat Mitzva* significa “filha do mandamento” e refere-se à maioridade religiosa da menina que ocorre a partir dos doze anos de idade. A preparação da jovem para a sua maioridade compreende adquirir conhecimentos básicos do judaísmo e aprender as *brachot*, orações que serão proferidas ao assumir as funções destinadas à mulher judia, que in-

cluem a responsabilidade pela organização da casa, a criação, a educação (social e religiosa) dos filhos e a continuidade aos costumes e tradições judaicas.

O *Bar Mitzva* significa “filho do mandamento” e refere-se à maioridade do menino, comemorada quando ele completa treze anos. Em decorrência, ele passa a ser obrigado a conhecer e praticar as *mitzvot*, mandamentos em número de 613, sendo 248 referindo-se ao que se deve fazer e 365 ao que não se deve fazer. A preparação para o *bar mitzva* inclui o aprendizado das *brachot*, dos costumes e tradições judaicas que envolvem o uso do xale e dos acessórios de oração, conhecidos por *talid e teflim*, respectivamente. A partir de então o *barmitzvando* está apto a integrar o *miniam*, um quorum de dez homens maiores de treze anos necessários para a realização de qualquer culto oficial judaico.

O *Chatuná* ou *Chássene* é o ritual do casamento judaico. Na tradição judaica o casamento representa uma grande *mitzva*. Parte-se do princípio bíblico do qual um homem solteiro é considerado uma pessoa incompleta, somente através do casamento ele atinge os objetivos básicos do judaísmo: o companheirismo, a propagação da espécie e a formação da família como unidade social básica.

A morte e o luto também fazem parte dos rituais judaicos. De acordo com a tradição, quando uma pessoa morre deve-se fechar seus olhos, colocar o corpo no chão com os braços estirados ao longo do corpo, cobrir com um lençol branco, acender uma vela próximo à cabeça e deixá-lo guardado com um *wacher* ou *shomer* até a hora do funeral.

A preparação do corpo para o funeral consiste no ritual da *tahará*, que é a lavagem do corpo, depois é enrolado numa mortalha, a *tachrichim*, e só então colocado num caixão simples, sem ornamentos, contendo apenas uma *Maguen Davi* e as iniciais do falecido, que se for homem, normalmente é sepultado envolto em seu *talid* por cima da mortalha, simbolizando a continuidade e fidelidade ao judaísmo.

O uso da narrativa e da memória no estudo histórico-antropológico das identidades étnicas: o caso da comunidade judaica de Pernambuco

Isabela A. de Lima Moraes

Antes do funeral, é hábito que os parentes mais próximos façam um pequeno corte em suas roupas como marca da dor, esse ritual chama-se *keriá*. No cortejo fúnebre costuma-se fazer algumas paradas representando simbolicamente a relutância dos familiares com relação à separação física definitiva. No ato do sepultamento, os parentes jogam os primeiros punhados de terra sobre o caixão, demonstrando, simbolicamente, a sua conformação com o fato ocorrido. Os filhos (homens) devem recitar uma prece de louvor: o *kadish*, durante o enterro e também nos períodos de luto.

O luto é considerado uma obrigação religiosa se o falecido for um parente próximo (pai, irmão, esposo(a) e filho). No período entre a morte e o enterro, o enlutado, chamado de *onem*, é eximido dos preceitos religiosos. Depois do enterro o enlutado, agora chamado de *avel*, entra numa fase intensa de luto por sete dias a partir da data do funeral, durante este período, conhecido por *shivá*, os enlutados devem ficar em casa, sentar-se em bancos baixos e abster-se de calçar sapatos com sola de couro, tudo isso para que fiquem em contato direto com a terra. No *shloshim*, trigésimo dia do funeral, o enlutado volta a se integrar na sociedade e reassume a sua vida cotidiana. Nesse dia, tem-se a cerimônia de *kaskará* em que os filhos homens devem recitar o *kadish* em casa ou na sinagoga, com a presença de um *miniam*.

O aniversário de morte de um dos pais é conhecido como *iyartzeit*. Neste dia, os filhos acendem uma vela em memória, visitam o túmulo, inauguram uma lápide, a *matzeivá*, e os filhos (homens) recitam o *kadish* na presença de um *miniam*.

Um dos rituais de significativa importância para os judeus é o *Shabat*, que representa o dia de descanso judaico e se inicia a partir do surgimento da primeira estrela no céu da sexta-feira terminando ao entardecer do sábado. Segundo a tradição judaica, o *shabat* representa a separação entre o profano e o sagrado, entre o trabalho e o lazer, entre a agitação do cotidiano e o repouso

para a reflexão. Neste dia, é proibido, entre outras coisas, realizar tarefas agrícolas, cozinhar, costurar, cortar, confeccionar roupas, desenhar, escrever, rasgar, atar, desatar, caçar, construir, mudar objetos, vender, comprar, viajar, acender e/ou apagar fogo.

Outra forma de os judeus manterem uma espécie de vínculo com o passado e com a tradição judaica é instituída através das comemorações das festividades cíclicas: *Purim*, *Pessach*, *Shavuot*, *Rosh Hashaná*, *Yom Kipur*, *Sukot*, *Chanuká* e outras.

A festa de *Purim* acontece normalmente no mês de março e comemora a salvação do extermínio dos judeus da Pérsia pela Rainha Esther. Goldberg e Rayner (1989, p. 403) sintetizam bem a comemoração da festa de *Purim*:

A principal observância da festividade é a leitura do livro de Esther do rolo de pergaminho comumente referido como meguilá (rolo). Isso é feito com toques de frivolidade, mantendo-se a linguagem de humor do livro, e com bater de pés e agitar de chocalhos a cada menção do nome de Haman. Outros costumes incluem festas a fantasias para crianças, montagens de peças de humor especialmente escritas (Purimspiel, no singular), e refeições alegres, com doces de três pontas recheados com sementes de papoulas chamadas hamantaschen ou 'orelhas de Haman', e bebidas alcoólicas, que são permitidas além do limite normal.

A festa de *Pessach*, também conhecida como *Chag há-Matzot*, ocorre normalmente no mês de abril, dura oito dias e celebra a passagem e o êxodo dos judeus no deserto. De acordo com a Bíblia (ÊXODO 19: 20), no terceiro mês do percurso dos judeus no Êxodo, quando saíram do Egito, Moisés recebeu de Deus, no Monte Sinai, as Tábuas da Lei. Este fato marcou o início da história dos judeus como um povo livre e com uma religião própria.

A comemoração de *Pessach* inicia-se pelo *Seder de Hagadá*. Durante os oito dias de *Pessach* é proibido comer pão e qualquer alimento *chametz* (fermentado). A celebração inicia-se com uma refeição que acontece nas

O uso da narrativa e da memória no estudo histórico-antropológico das identidades étnicas: o caso da comunidade judaica de Pernambuco

Isabela A. de Lima Moraes

residências na véspera do primeiro dia. Essa refeição é chamada de *Seder* e consta de comidas típicas judaicas, feitas à base de *matzá* (pão sem fermento).

A festa de *Shavuot*, também conhecida como *chag hakatsir*, *chag habikurim* e *zman matan torateinu*, juntamente com a festa de *Pessah* e *Sukot*, são consideradas as Três Festas da Peregrinação.

Existem dois significados para a festa de *Shavuot*: nos tempos bíblicos tinha um sentido puramente agrícola, pois marcava o fim da colheita da cevada e o início da colheita do trigo; no período pós-bíblico, adquiriu um sentido histórico que se superpôs ao sentido agrícola, marcando a entrada dos judeus no deserto do Sinai três meses após suas saídas do Egito. Costuma-se decorar a Sinagoga com flores e plantas, incluindo a leitura pública do Decálogo, como lembrança e reatamento da Revelação do Sinai.

Rosh Hashaná é uma festa para comemorar o início da criação do mundo, dura dois dias e significa um novo ano que se inicia. De acordo com a tradição judaica, nesse período o Senhor do Universo julga cada ser humano a fim de decretar o seu destino para o novo ano, portanto, ao iniciar um novo ano, cada indivíduo judeu deve fazer uma reflexão, olhando para dentro de si mesmo e procurando lembrar-se de todos os atos praticados no ano anterior. O tema predominante nas orações do *Rosh Hashaná* é a vida, por isso todas as orações pronunciadas fazem um apelo para melhorar a qualidade de vida. O período que se segue a *Rosh Hashaná*, por dez dias é o *yamim noraim*, nesse período os judeus devem praticar *tzedaká*.

O *Yom Kipur* encerra a jornada espiritual começada em *Rosh Hashaná*, sua característica mais marcante é a observância das vinte e cinco horas de orações, ou seja, deve-se jejuar de comida, bebida, banho, relações sexuais e se abster de qualquer vício ou dependência que causem prazer. Neste dia, os judeus praticam o *teshuvá* (arrependimento).

A festa de *Sukot* acontece logo após o encerramento do *Yom Kipur* e começa pela construção de uma cabana provisória com

telhados de folhagens, a *suká*. Sua origem é completamente agrícola, sendo também considerada como uma das Festas da Peregrinação. É uma festividade que dura sete dias, imediatamente seguida pelo *shemini atzeret*, representando a conclusão da festa.

Durante o feriado de *sukot*, o judeu deve passar da introspecção penitencial (iniciada no *Rosh Hashaná*) para o mundo natural, trazendo a natureza para as residências e sinagogas de duas formas: primeiro, através do costume de "morar nas cabanas", simbolizando a experiência do deserto e recordando a dependência do homem à natureza e a Deus; segundo, pelo uso ritual de quatro espécies de plantas que representam simbolicamente quatro tipos de seres humanos: a *etrog* (citra), representando o estudioso da Torá; um ramo de *lulav* (tamareira), representando aquele que conhece as leis mais não pratica; três ramos de *hadas* (mirto), representando aquele que cumpre mais não estuda as leis; e dois ramos de *arava* (salgueiro), representando o homem que nem conhece os mandamentos nem os pratica.

A festa de *Chanuká* reporta-se ao acontecimento histórico de reconsagração do culto judaico no Templo de Jerusalém em dezembro do ano de 164 antes da Era Cristã (164 a.C.). A comemoração de *chanuká* refere-se ao acendimento de oito velas de uma *chanukiá* tanto nas sinagogas quanto nas residências.

A prática dos ritos de passagem e das festividades cíclicas funcionavam como verdadeiros "símbolos de pertença" para os judeus, que possibilitava a continuidade de sua identidade, mesmo que inseridos num ambiente que proporcionava uma mudança.

Permanecendo na mudança e mudando na permanência: resignificando a identidade

Durante o início do século XX, quando os imigrantes já estavam estabelecidos em Pernambuco, trataram de organizar espaços para estabelecer suas fronteiras étnicas, demonstrando que o processo de incorporação dos imigrantes, longe de levá-los à

O uso da narrativa e da memória no estudo histórico-antropológico das identidades étnicas: o caso da comunidade judaica de Pernambuco

Isabela A. de Lima Morais

assimilação, gerou artifícios para que criassem espaços com o objetivo de manter sua identidade étnica. De acordo com Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 70), os grupos de imigrantes, quando se deparam com a sociedade de acolhimento, criam estratégias que servem de mobilização coletiva para as distinções étnicas.

Isso demonstra que os grupos étnicos são tipos organizacionais (BARTH, 1969) que definem sua etnicidade a partir da relação de interação, portanto, o processo de identificação étnica se constrói de modo contrastivo (OLIVEIRA, 1976, p. 5), isto é, pela afirmação do “nós” diante dos “outros”.

Com relação a identidade étnica dos judeus que migraram para Pernambuco no final do século XIX e início do século XX, foi a partir da interação com a sociedade pernambucana que foram criadas formas de distinção representadas também pelos espaços criados com a finalidade de garantir uma espécie de vínculo étnico, tais como: entidades religiosas, culturais, sociais, esportivas, juvenis, de ajuda mútua, além da escola, do cemitério e da imprensa judaica. As ações simbólicas desses lugares de memória e de identidade (AUGÉ, 1994) remetem à uma relação de continuidade com um passado que, mesmo reconstruído ou inventado, nunca é inválido (HOBSBAWN 1997, p. 9).

A prática dos rituais, as comemorações das festividades, a importância das instituições e os movimentos culturais judaicos, representam, para os judeus, um vínculo com sua identidade étnica, pois é por meio destas “construções simbólicas” que os indivíduos produzem significados para que o grupo se identifique enquanto judeus, pois segundo Hobsbawm (1997, p. 9):

A prática de natureza ritual ou simbólica visa inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado.

Portanto, quando os judeus praticavam seus rituais e comemoravam suas festividades, estavam resignificando sua identidade étnica, mesmo que inseridos num

ambiente que proporcionava uma ruptura com essa tradição.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a identidade étnica dos judeus em Pernambuco foi resignificada a partir da identificação com o elemento cultural do judaísmo. De acordo com Kaufman (2000, p. 2), a integração do imigrante judeu na sociedade pernambucana trouxe como resultado uma alteração em sua identidade, configurada pelo deslocamento do núcleo religioso para o cultural, um processo denominado por “secularização do judaísmo religião” e “sacralização do judaísmo cultura”.

Isso ocorre porque os grupos étnicos não são grupos formados com base numa cultura comum, pelo contrário, as características culturais só devem ter importância se tiverem algum significado para o grupo. As características que devem ser tomadas em consideração são aquelas que os próprios atores consideram significativas.

Uma identidade étnica não é um dado primordial, uma propriedade essencial transmitida no e pelo grupo, onde a ancestralidade comum do grupo cria vínculos naturais e inevitáveis. Pelo contrário, o pertencimento a uma comunidade étnica ou de origem faz parte dos valores subjetivos compartilhados pelo grupo (WEBER, 1987). Nesse sentido, os significados de pertencimento são culturalmente construídos, inventados e reinventados na história do próprio grupo, isso porque a formação dos grupos étnicos ocorre com base nas diferenças culturais (BARTH, 2005), ou seja, na distinção entre “nós” e “outros”, pois:

Quando uma pessoa ou um grupo se afirma como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. No caso da identidade étnica ela se afirma negando a outra identidade (OLIVEIRA, 1976, pp. 6-7).

Nesse sentido, cabe a nós identificar onde as identidades estão sendo produzidas e reproduzidas (BARTH, 2005, p. 16) e

reconhecer os processos e práticas culturais que dão sentido às organizações e reivindicações de determinadas identidades étnicas.

A identidade judaica brasileira é portanto uma identidade que dialoga com elementos de tradição e de mudança (RATTNER, 1977), este diálogo faz com que o grupo sobreviva na própria ruptura, num movimento que explica sua continuidade pela renova-

ção (KAUFMAN, 2000, p. 195). Esses elementos de tradição e ruptura, contidos na dinâmica da construção de toda identidade, marcaram também a construção da identidade do imigrante judeu em Pernambuco, visto que os elementos de mudança não negaram a manutenção das diferenças identitárias, isto porque, toda a tradição precisa da ruptura para se manter viva (BORNHEIM, 1997, p. 15).

O uso da narrativa e da memória no estudo histórico-antropológico das identidades étnicas: o caso da comunidade judaica de Pernambuco

Isabela A. de Lima Moraes

Notas

¹ Esse texto baseia-se numa pesquisa desenvolvida para a Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. A Dissertação de Mestrado, orientada pela Prof. Dra. Tânia Kaufman, foi defendida em 2004, intitula-se “Negociando Identidades: os fatores políticos e a re-significação da identidade judaica.

O caso da comunidade judaica de Pernambuco”. Este trabalho também foi apresentado no GT-03 “Novas cartografias da antropologia: memória e narrativas”, no 13º Encontro de Ciências Sociais do Norte Nordeste, realizado na cidade de Maceió, de 03 a 06 de setembro de 2007. Agradeço a CAPES pelo auxílio recebido para realização desta pesquisa.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

BARTH, Fredrik. "Grupos étnicos e suas fronteiras". In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, pp. 187-227, 1998.

BARTH, Fredrik. "Etnicidade e o conceito de cultura". In: *Antropolítica*. Niterói, n.º 19, 2.º sem., pp.15-30, 2005.

BLAY, Eva. "Judeus na Amazônia". In: SORJ, Bila. (org.). *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, pp. 33-66, 1997.

BORNHEIM, Gerd A. "O Conceito de Tradição". In: BORNHEIM, G; BOSI, A. et. al. *Cultura Brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 13-29, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDBERG, David J. e RAYNER, John D. *Os Judeus e o judaísmo*. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KAUFMAN, Tânia Neumann. *Passos perdidos – História recuperada: presença judaica em Pernambuco*. Recife: Edição do Autor, 2000.

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: Imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LIMA, Isabela Andrade de. *Negociando identidades: os fatores políticos e a re-significação da identidade judaica. O caso da comunidade judaica de Pernambuco*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004. (Dissertação de Mestrado em Antropologia)

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

RATTNER, Henrique. *Tradição e Mudança: a comunidade judaica em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1977.

VAN GENNEP, Arnold. *Ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1977.

WACHTTELL, Natan. *La foi du souvenir. Labyrinthes marranes*. Paris: Seuil, 2001.

WEBER, Max.. *Economia y Sociedad*. México: Fondo de Cultura, 1987.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

O uso da narrativa e da memória no estudo histórico-antropológico das identidades étnicas: o caso da comunidade judaica de Pernambuco

Isabela A. de Lima Morais

Ashkenazim ou **Ashkenazitas**: Judeus provenientes da Europa Oriental e do Leste Europeu, diferentes dos *sefaraditas*, judeus provenientes da região ibérica, de onde vieram a maior parte dos judeus no período colonial.

Aravá: Refere-se ao salgueiro, uma das quatro espécies de plantas utilizadas durante o feriado de *Sukot*.

Avel: Palavra utilizada para se referir ao entulhado somente depois do enterro.

B'rit mila: Significa "aliança da circuncisão". É o ritual da circuncisão realizado no oitavo dia do nascimento do menino judeu.

Bar Mitzva: Significa "filho do mandamento". Refere-se à maioridade do menino judeu quando ele completa treze anos de idade.

Barmitzvando: Expressão usada para designar o menino durante a cerimônia do *Bar Mitzva*.

Bat Mitzva: Significa "filha do mandamento". Refere-se à maioridade religiosa da menina, que ocorre a partir dos doze anos de idade.

Brachot ou **Brachá**: Palavra em hebraico que significa bênçãos ou orações, pronunciadas em quase todos os rituais judaicos.

Chag habikurim: Significa festa das primícias. É conhecida também por festa de *Shavuot*.

Chag hakatsir: Significa festa da Colheita. É conhecida também por festa de *Shavuot*.

Chag há-matzot: Significa festa do pão ázimo. É conhecida também por festa de *Pessah*.

Chametz: Significa fermento.

Chanuká: Significa sagração. É uma festa comemorativa da rededicação do Templo pelos Macabeus.

Chanukiá: Refere-se a um candelabro com oito braços acendido durante a festa de *Chanuká*.

Chássene: Significa casamento em *ídishe*.

Chatuná: Significa casamento em hebraico.

Etrog: Refere-se a cidra, espécie de fruta cítrica. É uma das quatro espécies de plantas utilizadas durante o feriado de *Sukot*.

Goim: Expressão usada para designar os não-judeus.

Hadas: Refere-se a mirto. É uma das quatro espécies de plantas utilizadas durante o feriado de *Sukot*.

lartzeit: Refere-se ao aniversário de morte de um dos pais do entulado.

Ídiche Schul: Nome da primeira escola judaica em Pernambuco.

Ídishe ou **Ídiche**: Língua falada pela maioria dos judeus *ashkenazitas*.

Kadish: Prece de louvor a Deus através da qual se suplica por um mundo de paz. Recitada pelos filhos (homens) durante o enterro e nos períodos de luto.

Kahal Zur Israel: Significa rochedo de Israel. É o nome da primeira Sinagoga da América.

Kaskará: Significa recordação. É uma cerimônia realizada no trigésimo dia do funeral.

Keriá: Significa rasgar. É o ritual em que os parentes mais próximos do falecido fazem um pequeno corte em suas roupas como marca da dor.

Klientelshik: Refere-se ao mascate ou vendedor ambulante. Era a modalidade de comércio adotada pelos imigrantes. Consistia na oferta de mercadorias de porta em porta, mediante o pagamento de parcelas semanais, quinzenais ou mensais.

Laispar Kasses: Nome que se davam as empresas de crédito fornecedoras de recursos iniciais para que os imigrantes judeus pudessem comprar mercadorias ou abrir uma pequena loja ou fábrica.

Lulav: Refere-se a uma espécie de palmeira da tamareira. É uma das quatro espécies de plantas utilizadas durante o feriado de *Sukot*.

Maguen Davi: Significa estrela de Davi. É um dos símbolos do judaísmo.

Matzá: Significa pão ázimo. É uma espécie de pão sem fermento, comido durante o *Seder* de *Pessah*.

Matzeivá: Significa lápide. É inaugurada durante o aniversário de morte de um ano do falecido.

Miniam: Significa quórum. Refere-se a um *quórum* de dez homens maiores de treze anos, necessário para realização de qualquer culto oficial judaico.

Mitzva (singular) ou **Mitzvot** (plural): Significa mandamento.

Onem: Expressão usada para designar o entulado somente durante o período compreendido entre a morte e enterro.

O uso da narrativa e da memória no estudo histórico-antropológico das identidades étnicas: o caso da comunidade judaica de Pernambuco

Isabela A. de Lima Moraes

Pessah: Significa passar (por cima de). Refere-se a páscoa judaica. Festa judaica que celebra a passagem e o êxodo dos judeus no deserto.

Pogroms: Massacres organizados na Rússia, com o apoio do governo czarista, contra judeus, bairros judeus ou cidades e aldeias. Visavam forçar os judeus das pequenas cidades a emigrarem, transformando-os em bodes expiatórios face à insatisfação com a situação política e econômica na Rússia. Esses movimentos foram inspirados por sentimentos anti-judaicos de origem econômica e pelo anti-semitismo cristão.

Purim: Significa Sorte. Festa judaica que comemora a salvação dos judeus da Pérsia pela Rainha Esther.

Rekrutchina: Tipo de recrutamento forçado implantado na Rússia czarista, que obrigava crianças judias a servirem no serviço militar, com o propósito de fragmentar os vínculos familiares e comunitários. Muitos judeus jovens fugiram da Rússia para não se incorporarem a esses serviços.

Rosh Hashaná: Significa "Cabeça do Ano". É o período em que os judeus comemoram o ano-novo.

Seder de Hagadá: Significa ordem de narração. É a partir do *Seder de Hagadá* que se inicia a festa de *Pessah*.

Shabat: Significa sábado. Representa o dia de descanso judaico. Inicia-se a partir do surgimento da primeira estrela no céu da sexta-feira terminando ao entardecer do sábado.

Shavua (singular) ou **Shavuot** (plural): Significa semanas. Festa judaica que comemora a entrada dos judeus no deserto do Sinai três meses após sua saída do Egito.

Shemini atzeret: Significa oitavo dia de reunião. Representa a conclusão da festa de *Sukot*.

Shill Chaim Leib: Nome de uma sinagoga situada no Recife, na Rua Leão Coroado, cujas atividades foi entre 1940 e 1965.

Shill Scholem Fainbaum ou **Shill Scholem Oknitzer:** Nome de uma sinagoga situada no Recife, na Rua Martins Júnior n. 29, que iniciou suas atividades em torno de 1906. Atualmente chama-se Sinagoga Israelita do Recife.

Shivá: Significa sete. Refere-se ao período de intenso luto de sete dias a partir da data do funeral.

Shomer ou **Wacher:** Pessoa designada para guardar o corpo do falecido até a hora do funeral.

Shloshim: Significa trinta. Refere-se ao trigésimo dia do funeral.

Shtetelech (plural) **Shtetel** (singular): Pequenas cidades na Europa Oriental com ambiente tipicamente judaico.

Suká: Significa cabana. Refere-se a uma cabana provisória com telhados de folhagens construída para celebração da festa de *Sukot*.

Sukot: Significa tabernáculos. Festa judaica que simboliza a experiência dos judeus no deserto e recorda a dependência do homem à natureza e a Deus.

Tachrichim: Significa mortalha.

Tahará: Significa purificação. Consiste no ritual de lavagem do corpo do falecido para o enterro.

Talid: Significa manto. Consiste de um xale retangular, em cujas quatro pontas são colocadas franjas especiais denominadas *tzitzit*, que se destinam a lembrar os mandamentos.

Teflim: Palavra em hebraico e aramaico que se refere aos acessórios de oração, composto por duas caixinhas cúbicas de couro preto com tiras presas contendo quatro passagens bíblicas. Uma dessas caixas é chamada de *teflim shel rosh*, destina-se ao uso na testa, com suas duas tiras enlaçadas acima da nuca e caindo sobre os ombros. A outra é chamada de *teflim shel iad* e deve ser atada na parte superior do braço esquerdo, sua tira dá sete voltas sobre o antebraço, uma volta sobre o dedo médio e sobre a palma da mão.

Teshuvá: Significa arrependimento. É um ritual realizado durante o dia de *Yom Kipur*.

Tzedaká: Significa justiça ou correção. No judaísmo praticar a *tzedaká*, consiste em atribuir assistência aos mais pobres.

Wacher ou **Shomer:** Pessoa designada para guardar o corpo do falecido até a hora do funeral.

Yamim noraim: Significa penitência. É o período que se segue a *Rosh Hashaná*, por dez dias.

Yom Kipur: Significa dia do julgamento ou dia do perdão.

Zachor: Significa guarda.

Zman matan torateinu: significa época da entrega da *Torá*. É conhecida também por festa de *Sha vuot*.

